

**Caminhos
para qualquer
pesquisa ser
FEMINISTA**



SUMÁRIO

Caminhos para qualquer
pesquisa ser feminista..3

Por quê?.....11

O que torna uma pesquisa
feminista?.....19

Qual a importância de uma
pesquisa feminista?....21

Quem faz?.....24

Bibliografia sugerida..28

caminhos

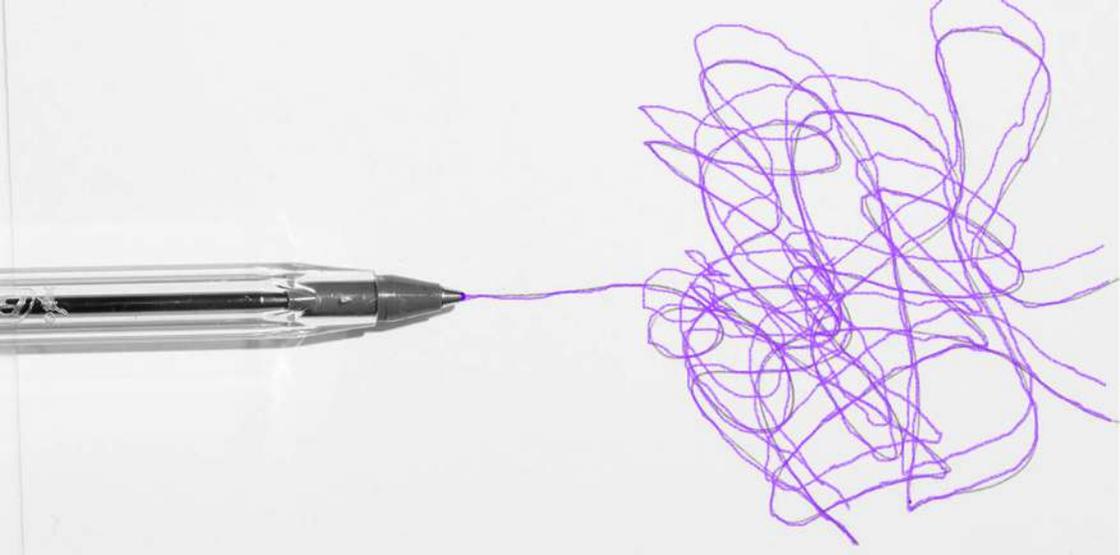
para

qualquer

pesquisa

ser

feminista



1 Utilize metodologias de mulheres;

2 Empregar uma linguagem neutra para se referir aos substantivos ao longo do texto;

3 Se for possível, escolha um recorte que evidencie a atuação de mulheres (homens já têm evidência suficiente);

4 Ao abordar a atuação dessas mulheres se esforce para dar um enfoque ao seu trabalho em vez de sublinhar o fato de ela ser familiar de alguém ou polêmicas em torno da sua vida privada. É bom também não reivindicar características machistas atribuídas às mulheres como doce, delicada, gentil, meiga;

5 Procure refletir sobre mulheres marginalizadas nos meios, tente dialogar com suas trajetórias e compreender a sua influência;



6 Busque incluir e provocar o diálogo entre jovens autoras e pesquisadoras com pessoas já consagradas que produzam conteúdo no seu campo de atuação. Evidencie os novos pensamentos, possibilidades e caminhos que essas jovens autoras estão abordando em suas escritas hoje;

7 Mapeie as mulheres que produzem conteúdo e estão vivas e atuantes, aproveite para encontrar com elas, conversar, entrevistar e gerar ainda mais conteúdo produzido por e para mulheres;



8 Divulgue a sua pesquisa para outras mulheres. Não deixe de promover debates, conversas e encontros durante e após o término da sua pesquisa, faça ela ressoar e se fazer conhecer por diversas mulheres;

9 Não encontrou nenhuma bibliografia sobre a mulher que gostaria de pesquisar? Produza você mesma conteúdo sobre ela, entreviste pessoas, faça pesquisas em jornais da época, acervos, instituições e outros;



10 Não abrevie o primeiro nome da mulher ao citá-la ao longo do texto ou na sua bibliografia, saliente a autoria da referência.

Ex: J. K. Rowling foi a abreviação empregada para Joanne Rowling, autora de Harry Potter, que não deixa clara que a autoria do livro é de uma mulher;

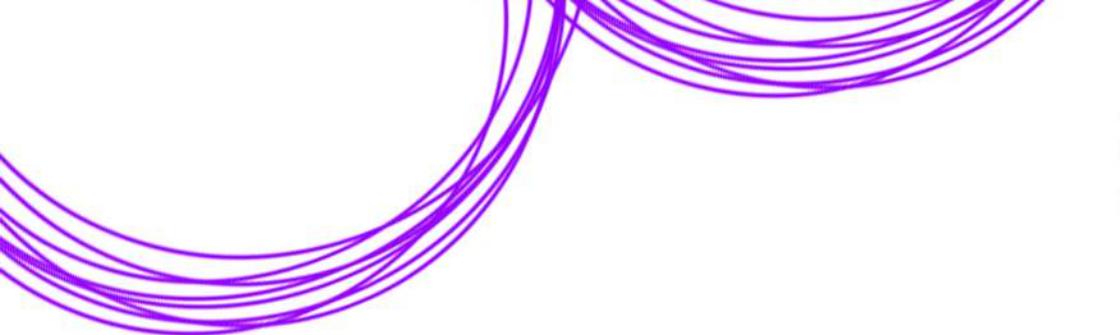
11 Buscar bibliografias não clássicas escritas por mulheres (já que as clássicas raramente as inclui). Pesquise não só através dos livros e bibliografias oficiais, mas, também, através de vivências e práticas em espaços culturais, grupos, coletivos e organizações de mulheres, nos mais diversos lugares, centrais e ditos marginais;



12 Priorize a fala das próprias mulheres ou de outras pesquisadoras. A fala de homens pode vir carregada de sexismo;

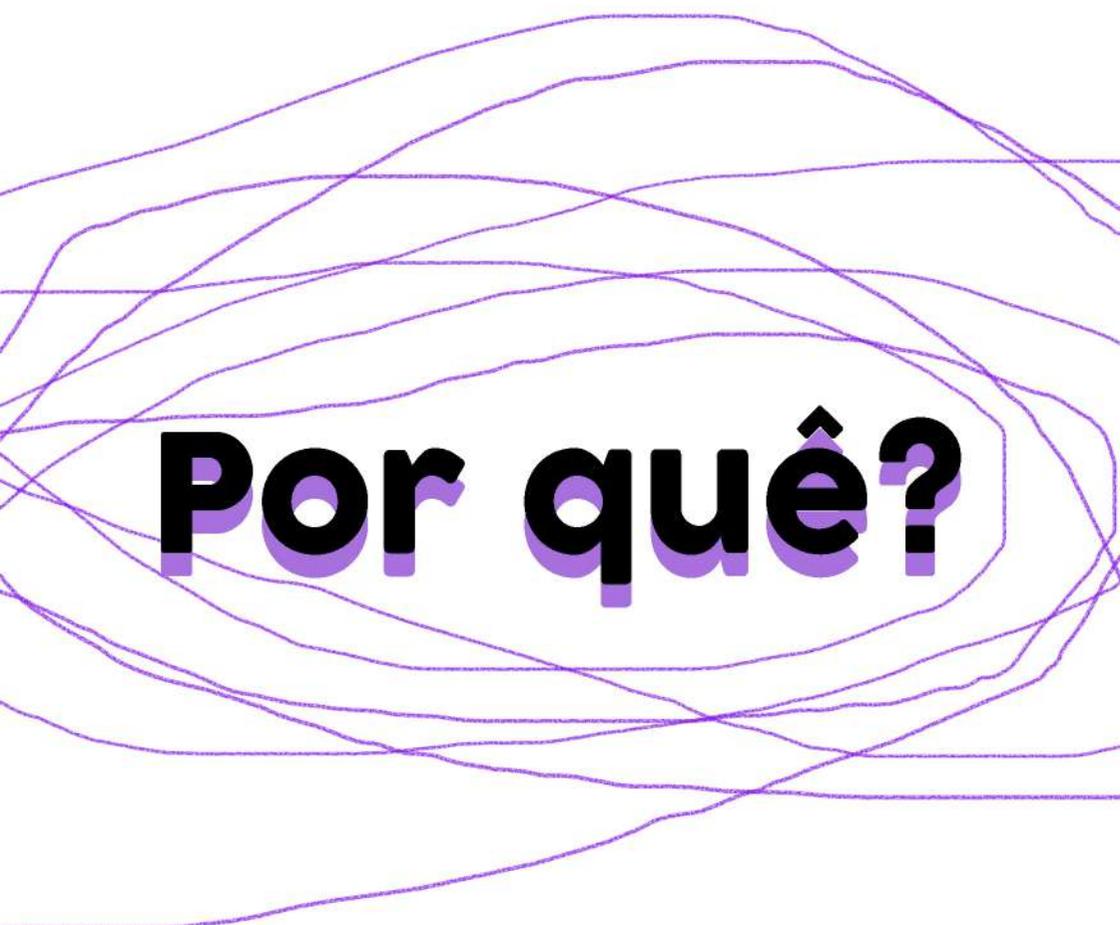
13 O movimento feminista se estabeleceu prioritariamente nas pautas das mulheres brancas. É importante enfatizar as falas das mulheres negras, lésbicas, transgênero, suburbanas, faveladas, ou seja, fora do eixo central;

14 Procure frequentar grupos de debates de mulheres sobre mulheres e acompanhe, também, nas redes sociais;



15 Assista a documentários sobre mulheres, produzidos por mulheres e indicados por mulheres. Se possível, debata e pontue pontos concordantes e discordantes;

16 Conheça grupos feministas de comunidades, bairros e outros municípios. Para além das pesquisas acadêmicas, elas têm muitas vivências para compartilhar;

A large, hand-drawn purple scribble in the shape of an oval, with multiple overlapping lines, framing the text in the center.

Por quê?

Segundo os dados trazidos pelo Grupo Guerrilla Girls, no ano de 2017 o número de **artistas mulheres com obras no acervo** do MASP (Museu de Arte de São Paulo) é de apenas **6%**, em contraposição com o número de **obras que têm o nu feminino** como temática, **60%** das obras.

Estatísticas revelam que obras de artistas mulheres representam apenas de 3% a 5% das principais coleções de arte nos Estados Unidos e Europa (dados de 2012); além disso, **nenhuma artista mulher alcançou os preços mais altos** nos 100 maiores leilões de arte realizados no ano de 2012.



Não existe um levantamento equivalente de dados nas instituições do Brasil, mas pelo número levantado pelo Guerrilla Girls no MASP, em comparação com instituições internacionais, imagina-se que o nível de desigualdade no campo artístico brasileiro seja muito similar.



 O Museu de Arte do Rio do fim de 2016 até o fim de 2017 apresentou 2 exposições individuais de artistas mulheres e 2 de homens. O número total de artistas por gênero nas mostras coletivas do mesmo período foi de **16 mulheres para 42 homens**.



 O Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro **em 2017 realizou 1 exposição individual de uma artista mulher para 6 individuais de homens**.



 Segundo o programa Mulher e Ciência do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 2015, a distribuição de bolsas de produtividade em pesquisa por categoria/nível segundo o gênero configurava-se da seguinte maneira:



CATEGORIA SENIOR: 75,8% das bolsas foram distribuídas para homens e 24,2% para mulheres.

CATEGORIA 1A: 75,5% das bolsas foram distribuídas para homens e 24,6% para mulheres.

CATEGORIA 1B: 68,3% das bolsas foram distribuídas para homens e 31,7% para mulheres.

CATEGORIA 1C: 75% das bolsas foram distribuídas para homens e 24,2% para mulheres.

CATEGORIA 1D: 64% das bolsas foram distribuídas para homens e 36% para mulheres.

CATEGORIA 2: 64,2% das bolsas foram distribuídas para homens e 35,8% para mulheres.

CATEGORIA 2F: 62,1% das bolsas foram distribuídas para homens e 37,9% para mulheres.

Tais dados salientam que **o quantitativo total de mulheres que conseguem pesquisar e ter fomento em suas investigações é muito menor que o quantitativo de homens**. Menos mulheres também conseguem alcançar os níveis mais altos de pesquisa, considerando que é necessário possuir uma quantidade significativa de produção acadêmica para subir de categoria. As bolsas de pesquisa CNPq não são caracterizadas como vínculo empregatício, e por isso a maternidade é uma questão, sendo que, apenas em 2013, foi conquistado o direito a um ano adicional de bolsa quando tiverem filhos.



Em 2005 e 2006

100%

100%

100%

das bolsas na
Categoria Senior
eram de homens

O que torna
uma pesquisa
feminista?

Uma resposta frequentemente usada para essa pergunta é que uma pesquisa é feminista ao ser de, sobre e feitas por mulheres e/ou por feministas. No entanto, isso não é algo realmente necessário. O que torna uma pesquisa feminista **são os tipos de preocupações e questões levantadas durante o seu desenvolvimento**. Ela leva em consideração o ponto de vista das mulheres como base da pesquisa, sempre reconhecendo a raça e classe como focos centrais em suas análises. Dessa forma, é uma posição política adotada diante da qual escrever, para servir aos interesses das mulheres.

Qual a
importância

de uma

pesquisa

feminista?

Ao longo da trajetória da humanidade, mulheres foram representadas como seres sem uma história digna de documentação, e por isso foram ensinadas a pensar sobre si mesmas como pessoas incapazes de fazerem contribuições para as sociedades e suas culturas. Por isso, nos questionamos: **se não conhecemos a nossa própria história, de que forma podemos compreender o nosso mundo?**

Através do estudo sobre as mulheres das áreas da cultura, análises feministas surgem como uma ferramenta fundamental e de extrema importância para o reaparecimento da história das mulheres. Pois, como a historiadora da arte Griselda Pollock apontou em seu livro, *Vision and Difference* (2003):

"Exigir que as mulheres sejam consideradas não apenas muda o que é estudado e o que se torna relevante para investigar, mas desafia politicamente as disciplinas existentes. As mulheres não foram omitidas devido a um esquecimento ou mero preconceito. O sexismo estrutural da maioria das disciplinas acadêmicas contribui ativamente para a produção e perpetuação de uma hierarquia de gênero. O que aprendemos sobre o mundo e os seus povos é modelado ideologicamente em concordância com a ordem social dentro da qual é produzida. Os estudos das mulheres não são apenas sobre as mulheres - mas sobre os sistemas sociais e os esquemas ideológicos que sustentam a dominação dos homens sobre as mulheres dentro dos outros regimes de poder mutuamente acentuados no mundo, nomeadamente os da classe e os da raça". (p. 1, tradução da autora).



quem faz ?
Quem faz ?



grupo de pesquisa

DE/ SOBRE/ FEITAS POR MULHERES,

formado por mulheres pesquisadoras de áreas correlatas ao campo da cultura - e também interdisciplinares - propõe, por meio deste manual, pensar os possíveis caminhos para a construção de uma bibliografia feminista, dessa forma incluindo, fazendo se conhecer e difundindo a produção crítica e teórica de mulheres ao longo dos últimos séculos. Não é raro nos depararmos com dificuldades para encontrar conteúdo produzido por mulheres na academia. Você já reparou? E se já reparou, como se sentiu?

As contradições impostas pelas opressões de gênero, entretanto, no lugar de nos enfraquecer, **começam a nos mostrar a importância da articulação para darmos força a uma fundamental reparação histórica nessa área.**

Pesquisar obras e trajetórias de mulheres não é uma tarefa fácil. Demanda foco, persistência e muita disponibilidade para ir atrás do que ainda não foi celebrado, divulgado, sequer catalogado. O intuito do manual é de tentar diminuir esse abismo entre o reconhecimento e o acesso à produção das mulheres diante da dos homens, buscando apresentar possíveis novos encaminhamentos para o fomento da pesquisa de e sobre mulheres no campo da arte e da cultura.

We Can Do It!



Colaboram para esta realização

o Coletivo de Mulheres Ana Maria Nacinovic - EBA/UFRJ, a Revista *Desvio*, a Plataforma de Emergência e o Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica. A coordenação do grupo é de Daniele Machado e Gabriela Lúcio e é formado pelas pesquisadoras Ana Hortides, Aline Oliveira, Carolina Alves, Daniella Geo, Mariana Maia, Maria Elena Lucero, Natalia Candido, Nataraj Trinta, Roberta Calábria e Thais Canfield.

Bibliografía

sugerida :

- **ADICHE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução: Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.**
- **ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. Tradução: Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.**
- **BASTOS, Priscila; GUEDES, Luísa; MENDONÇA, Amanda. *Jovens pesquisadoras: professoras refletindo sobre políticas e práticas educacionais*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.**
- **BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Tradução: Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.**
- **BUARQUE, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.**
- **BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.**
- **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *Mulher e Ciência*. Disponível em: <<http://cnpq.br/apresentacao-mulher-e-ciencia/>>.**

- **Catálogo *Intelectuais Negras Visíveis***. Disponível em: <<https://www.intelectuaisnegras.com/copia-vista-nossa-palavra-flip-2016>>.
- **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *Pioneiras da Ciência***. Disponível em: <<http://cnpq.br/pioneiras-da-ciencia1/>>.
- ***Da exclusão das mulheres às perspectivas feministas*: breve panorama histórico das mulheres nas artes plásticas. Debates feministas, nº 9, junho de 2017**. Disponível em: <http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2017/06/DebatesFeministas_DaExclusaoDasMulheresAsPerspectivasFeministas.pdf>.
- **DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe***. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- **FALUDI, Susan. *Backlash*: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres**. Tradução: Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- **GAY, Roxane. *Má feminista*: ensaios provocativos de uma feminista desastrosa**. Tradução: Tássia Carvalho. Burueri, SP: Novo Século Editora, 2016.

- **GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244. <<http://xa.yimg.com/kq/groups/17805790/1123062368/name/RACISMO+E+SEXISMO+NA+CULTURA+BRASILEIRA.pdf>>.**
- **HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009.**
- **LARA, Bruna de; RANGEL, Bruna; MOURA, Gabriela. *#MeuAmigoSecreto: feminismo além das redes* (Coletivo Não me Khalo). Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.**
- **Leal, Priscilla Cruz. *Mulheres Artistas: Há desigualdade de gênero no mercado das artes plásticas no século XX?*. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/wp-content/uploads/Mulheres-Artistas-revisado-2.pdf>>.**
- **MILLETT, Kate. *Política Sexual*. Lisboa: Dom Quixote, 1970.**
- **NOCHLIN, Linda. Por que não houve grandes mulheres artistas? Trad. Juliana Vacaro. São Paulo, maio de 2016. 2ª ed. Disponível em: <<http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>>.**

- **PENHA, Maria da. Sobrevivi... posso contar. Fortaleza: Armazém da cultura, 2012.**
- **PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Fundação Percecu Abramo, 2003.**
- **POLLOCK, Griselda. Vision and Difference: Feminism, femininity and the histories of art. 3a ed. Reino Unido: Routledge, 2003. 368p.**
- **Revista Feminismos. Disponível em <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista>>.**
- **SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.**
- **SOLNIT, Rebecca. A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos. Tradução: Denise Boffmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.**
- **SOLNIT, Rebecca. Os homens explicam tudo para mim. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.**
- **WOLF, Naomi. O mito da beleza. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.**

- **WOOLF, Virginia. *Profissão para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: L&PM, 2012.**
- **WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução: Bia Nunes de Souza. Prefácio: Naomi Jaffe. São Paulo: Tordesilhas, 2014.**
- **WOOLF, Virginia. *Profissão para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: L&PM, 2012.**
- **WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Tradução: Ivania Pochinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.**

Essa cartilha foi confeccionada pelo grupo DE/SOBRE/FEITA por Mulheres para o 3º encontro ELLA: Interloquções Entre Artistas realizado no dia 15 de Dezembro de 2017.

Grupo DE/SOBRE/FEITA por Mulheres

Coordenação geral

Daniele Machado

Gabriela Lúcio

Produção de conteúdo

Ana Hortides

Aline Oliveira

Carolina Alves

Daniele Machado

Daniella Geo

Gabriela Lúcio

Mariana Maia

Maria Elena Lucero

Natalia Candido

Nataraj Trinta

Roberta Calábria

Thais Canfiled

ELLA: Interloquções Entre Artistas

Coordenação geral

Dinah de Oliveira

Gabriela Mureb

Comissão Organizadora Discente UFRJ

Alice Ferraro

Allan Corsa

Carine Caz

Jéssica Guia
Jéssica Moraes
Julia Ribeiro
Rafael Amorim
Rodrigo Pinheiro
Uri Nonnato

Colaboração
Camilla Rocha Campos

Parceria
Associação Capacete Entretenimentos

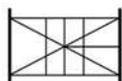
Programa de Extensão: PROGRAMA ARTICULADO EXPRESSÕES
E LINGUAGENS: SABERES EM MOVIMENTO
Bacharelado em Artes Visuais – Escultura
Escola de Belas Artes – EBA
Centro de Letras e Artes – CLA
Nº SIGProj: 271366.1484.282234.30052017

Apoio e produção

DE
SOBR
F ITAS
POR
MULHERES



Coletivo
De Mulheres
Ana Maria Nacinovic



PLATAFORMA
DE EMERGÊNCIA

PROGRAMA DE EXTENSÃO INTERINSTITUCIONAL E TRANSDISCIPLINAR



CENTRO
MUNICIPAL
DE ARTE
HÉLIO
OITICA



